

Cortar gastos e fortalecer a produção

Em pronunciamento à Nação para agradecer ao povo a sua recondução à Presidência da República, o presidente Fernando Henrique Cardoso deu uma dimensão consideravelmente maior ao discurso de 23 de setembro, no Itamaraty, quando enfatizou a necessidade de realização de um ajuste fiscal em profundidade. O ajuste vai ser feito, sustentado pelo "circuit breaker" da nova Lei de Finanças Públicas, dando à Comissão de Controle e Gestão Fiscal (CCF) condições para podar despesas sempre que elas ultrapassarem os limites prefixados. Mas a política econômica também será orientada para estimular a produção interna, como contrapeso à recessão.

O presidente disse que, para seu segundo mandato, vai criar um novo ministério, ou adaptar um dos existentes, para cuidar especificamente da coordenação da produção no País, nas áreas industrial, agrícola e de serviços. Essa nova pasta, que utilizará como instrumentos o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o Banco do Brasil (BB), trabalhará para dar sustentação ao mercado interno, não deixando que ele encolha à míngua de recursos externos.

Sensatamente, o presidente preferiu não falar em "política industrial", expressão hoje gasta e que se presta a confusões com esquemas utilizados no passado para garantir reservas de mercado. Não se trata disso, mas é evidente que o governo vai dar mais apoio àqueles setores afetados por uma concorrência externa agressiva e às vezes predatória e

a áreas em que a indústria instalada no País deve reforçar sua presença em face do potencial do mercado, tais como as de equipamentos para telecomunicações, transporte pesado e outros setores de infra-estrutura já em grande parte privatizados.

A menção feita pelo presidente ao BB nesse contexto significa inequivocamente que o governo não deixará de dar suporte à agricultura nacional em

O Brasil tem meios para enfrentar a crise e a contribuição dos empresários será decisiva

um período em que ela vem sendo afetada seriamente pela queda das cotações das "commodities". Como já assinalamos, o País tem tudo para deixar de importar alimentos e produzir aqui muito do que vem sendo importado. Ganhando em produtividade, a agricultura brasileira pode também continuar competindo nos mercados externos, fortalecendo a posição do País como um dos maiores fornecedores agrícolas do mundo.

Duas outras áreas foram mencionadas pelo presidente Cardoso como merecedoras de estímulo pela sua importância fundamental na criação de empregos: a construção civil e o turismo. Sendo a construção civil reativada, isso amenizará sensivelmente o impacto dos cortes no setor público, da ordem de US\$ 25 bilhões, ajudando a sustentar o nível de atividade. Já o turismo terá ainda como efeito uma redução do déficit do item Viagens In-

ternacionais do balanço de pagamentos.

O que se pergunta é se o Brasil conseguirá fazer o ajuste fiscal no período 1999-2001 e, ao mesmo tempo, evitar um recuo pronunciado no crescimento do produto real. Esse é justamente o desafio, como disse o presidente, que convocou toda a sociedade para ajudar a vencê-lo.

Estamos convencidos de que o País tem meios de fazer frente à crise e de que a contribuição dos empresários para que isso ocorra é hoje mais decisiva do que nunca. Pela própria lógica da política de ajuste fiscal, o encolhimento do setor público trará a redução da necessidade de o governo recorrer ao mercado para cobrir o seu déficit. Assim, as taxas de juro devem cair e devem aumentar as disponibilidades de recursos para o setor privado, suprimindo, em boa parte, a exigüidade de recursos externos.

Está aí uma imensa oportunidade para que as empresas instaladas no País elevem seus investimentos, tanto para atender às necessidades do mercado interno como para exportar. Vultosas importações de bens de capital nos últimos anos permitiram a um grande número de empresas brasileiras adaptar-se tecnologicamente para enfrentar a concorrência externa, e uma produção substitutiva de importações já está em curso. Agora, novas oportunidades se descortinam.

Sem abandonar a abertura comercial, o Brasil vai valorizar mais o seu mercado interno. Esse é o caminho para que o País possa, como disse o presidente, sair melhor dessa crise do que entrou. ■